

FUNDO DO POÇO TEM SAÍDA

LIVRO RELATA CASOS DE SUPERAÇÃO E DE COMO CELEBRIDADES DERAM A VOLTA POR CIMA. HISTÓRIAS SÃO INCRÍVEIS.

RIO DE JANEIRO
Agência O Dia

Quando ouviu do editor a proposta para fazer o livro "Recomeços" (Ed. Saraiva/Ver-sar, 160 págs., R\$ 29), a jornalista Lina de Albuquerque estava certa de que não iria aceitar a proposta. Ela própria tinha passado por uma experiência parecida com a das histórias que ele queria para o livro - perdera os pais e o irmão ao mesmo tempo, num acidente de trânsito dez anos antes - e pouco falava sobre o assunto.

No fim do tal jantar em que foi convidada para o projeto, no entanto, já havia sido convencida. E aí partiu para a busca dos 26 relatos que reunirá na publicação. O que nem sempre foi tarefa fácil. "Tive algumas recusas", conta Lina. "Existem temas de que algumas pessoas falam e gostam e quanto mais se fala acaba sendo uma catarse. Outras são mais discretas".

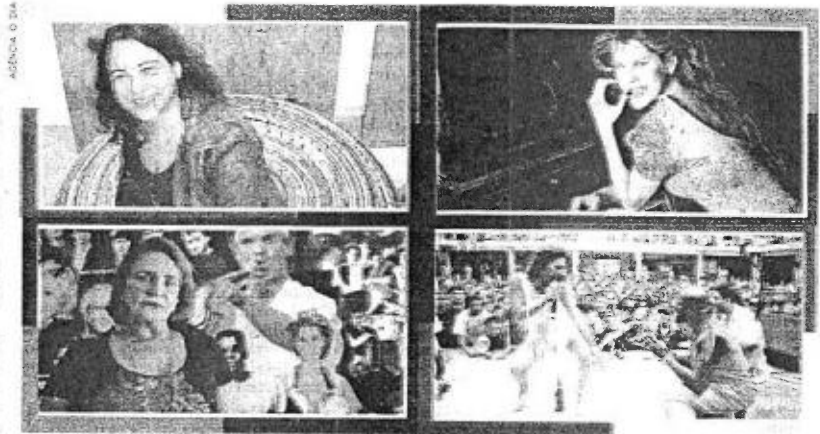
Mas que não se pense que o livro é uma compilação de histórias tristes: existem os casos mais difíceis, como a socialite Lily Marinho e Elza Soares, que perderam o filho, e outras mais leves: "Todas têm final feliz, são histórias inspi-

radoras".

Como a de Rita Cadillac, que deu uma guinada em sua vida a partir dos shows que fez em presídios. "Eu só podia fazer caridade com o que sabia. Cantando e dançando no Carandiru, ganhei respeito dos presos e consideração do médico Dráuzio Varella. Deixei de fazer filmes pornográficos para, aos 54 anos, virar tema de um longa-metragem de Toni Venturi, um diretor premiado. E, ainda no meio das filmagens, me casei e conheci uma irmã que nunca soube da existência", conta em depoimento.

Elza Soares foi outra que teve uma nova chance. Nascida muito pobre, estourou no mundo da música. Mas perdeu o amor, o jogador de futebol Garrincha, e o filho dos dois, Garrinchinha. Entrou em depressão, não saía de casa. Mas, aos poucos, voltou a fazer música e hoje, aos 71 anos, namora um homem de 26. "O duro que dei na vida nunca afetou a minha capacidade de amar. Amo com o mesmo envolvimento que sinto pela música. Afinal, ela salvou a minha vida", diz Elza no livro.

Barbara Paz fala sobre o aci-



■ Lina Albuquerque (acima, à esq.) narra as dores de Bárbara Paz. Lucinha Araújo e Rita Cadillac

dente que deixou seu rosto desfigurado quando tinha acabado de começar uma bem-sucedida carreira de modelo. Quando achava que não tinha saída, ela descobriu que podia ser atriz. "O teatro foi a minha salvação. No palco, não

existe plano fechado e a cicatriz perdia a importância. O teatro era o único lugar onde eu não me escondia", contou ela.

Lucinha Araújo, mãe de Cazuza, explica como depois de perder o filho, vítima da aids, passou a se

dedicar aos portadores do vírus que causa a doença, criando a Sociedade Viva Cazuza. "A dor é profundamente mobilizadora. A Viva Cazuza é, hoje, toda a minha família, e as crianças que amparamos são um pouco meus filhos".

"NINGUÉM SE ACOSTUMA COM O SOFRIMENTO"

Em setembro de 1964, Elza Soares, 72, nascida e criada em uma favela do Rio de Janeiro, exibiu sua voz rouca no microfone da boate Som de Cristal, uma das mais antigas e tradicionais de São Paulo, diante de um apaixonado Mané Garrincha, que não conseguia tirar os olhos dela enquanto ela cantava. Antes do show, o casal havia protagonizado um incidente na porta do Hotel Lord, onde não foram aceitos como hóspedes pelos proprietários, uma amostra do preconceito que sofreram ao longo da relação.

Nos 20 anos que ficaram juntos, Elza acompanhou as glórias e também a decadência de Garrincha, que morreu de alcoolismo em 1983, aos 50 anos de idade. Fãs do jogador ainda a consideraram culpada pela decadência do ídolo.

"Ninguém se acostuma com o sofrimento. Você aprende a não sofrer, a transformar esses momentos em lições. Casei com 12 anos, perdi vários filhos por não ter condições

de cuidar deles, fui casada 19 anos com Mané (Garrincha). Carreguei muita lata d'água na cabeça e finalmente entendi que aquela lata horrível era uma coroa. Uma coroa linda", já disse Elza Soares, em entrevista a revista "IstoÉ", em setembro de 1997. Sobre Garrincha, resumiu: "Quando ele estava sóbrio era a coisa mais linda que Deus já fez na Terra. Uma criança gentil e carinhosa".



■ Elza Soares: "Carreguei muita lata d'água na cabeça"

APRENDE-SE MAIS COM O SUCESSO DO QUE COM O ERRO, DIZ PESQUISA

A reação neuronal de uma cobaia a um teste de certo/errado é mais forte se ela já acertou o teste imediatamente anterior - e por isso foi recompensada - e mais fraca se o macaco não fez o que queriam que ele fizesse - e portanto o que ele acaba ganhando é... absolutamente nada. "Só após sucessos, e não fracassos, houve processamento cerebral e o comportamento dos macacos melhorou", explica Earl Miller, do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT).

O grupo de pesquisadores demonstrou como o aprendizado pela experiência é processado no nível celular. Só se "aprende com a experiência" quando uma ação passada é associada a um resultado desejado. Os pesquisadores demonstraram como essa informação é codificada. "A fim de aprender, você tem de lembrar o que você fez antes e se aquela ação foi benéfica ou

não. Esses neurônios (no córtex lateral pré-frontal e no gânglio basal, duas áreas do cérebro) carregam esse tipo de memória", explica Mark Histed, do Departamento de Neurobiologia da Faculdade de Medicina de Harvard, principal autor do estudo publicado na mais recente edição da revista "Neuron".

Já se sabia que os neurônios das duas áreas reagiam intensamente quando os pesquisadores indicavam aos macaquinhos que tinham acertado ou errado. O que foi demonstrado é que as reações podem ser mantidas por um longo período (e que o senso comum de que aprendemos mais com os erros não passou pelo teste de laboratório).

Os pesquisadores estudaram as respostas dos neurônios no córtex lateral pré-frontal e no gânglio basal à medida que cobaias cumpriam tarefas em que eram recompensadas por fazer uma

associação correta entre um estímulo visual e um movimento de olhar. A atividade dos neurônios refletiu a entrega (mediante reação correta) ou a negativa (resposta incorreta) de uma recompensa. Verificaram, ainda, que essa atividade neuronal durava "muitos segundos", cobrindo todo o período entre um teste e outro.

Essas células não apenas exibem sinais robustos e persistentes sobre o resultado de reações comportamentais, mas sua atividade é modulada conforme cada resultado, demonstrando como sinais neuronais ligados a resultados de comportamentos podem moldar o aprendizado. "Nossos resultados podem representar um flagrante do processo de aprendizado, (mostrando) como células sozinhas mudam suas reações em tempo real ante a informação sobre o que é a ação correta e o que é a incorreta", concluem os autores.